

INGLÊS NO CENTRO DE PROCESSAMENTO DE DADOS (CPD) - UMA EXPERIÊNCIA DE LÍNGUA INSTRUMENTAL

Patrícia Flores da Cunha
UFRGS

I) CARACTERIZAÇÃO DO CURSO DE TECNÓLOGO EM PROCESSAMENTO DE DADOS

A criação de um curso superior de tecnologia, além de acabar com a subutilização de profissionais de carreiras longas ou tradicionais, foi também motivada pelas exigências do mercado de trabalho, impostas pelo desenvolvimento ou reclamadas por características regionais.

Diferenças com os cursos tradicionais:

- plano de funcionamento
- autonomia dos cursos
- mais participação da empresa e da comunidade
- supervisão especial do MEC.

O que é o tecnólogo? É o profissional de nível superior cuja formação se volta para tarefas de execução.

Os cursos dessa natureza referentes à Computação foram alojados, segundo o Projeto inicial, nas Universidades Federais do Paraná, de MG, do RS, e na PUC do Rio de Janeiro.

Na UFRGS, o curso foi implantado em caráter experimental em 1973, com o nome de Curso Técnico Superior em Processamento de Dados. O seu corpo docente foi selecionado dentro da própria Universidade, e no quadro das empresas locais especializadas.

A partir de 1976, o curso é institucionalizado e regulamentado dentro da UFRGS, sendo-lhe atribuído o nível de graduação em Tecnólogo em Processamento de Dados. O objetivo do curso era formar "programalistas", ou seja, profissionais que soubessem bem programar e bem projetar jun-

to a um "bureau de Computação" - reflexo das exigências do mercado de trabalho da época.

O curso apresenta estrutura, duração e regime escolar peculiares, ajustados as suas finalidades e ao tipo especial de aluno a que se destina. É de caráter trimestral, possuindo 13 semanas de aula, intercaladas por período de férias de duas semanas. A 13a. semana se destina aos exames finais, e o ano letivo se estende de fins de fevereiro a meados de dezembro.

Para efeito de diplomação, é necessário cumprir os créditos solicitados, realizar um estágio supervisionado e apresentar um trabalho de diplomação (uma mini-tese).

O curso de Tecnólogo em Processamento de Dados cresceu tanto - atualmente é o primeiro na demanda do Vestibular pelos alunos que, a partir do 1º semestre de 1983, já estará funcionando o Bacharelado de Informática. Este é entendido como uma natural evolução do primeiro, tendo em vista sobretudo as diferentes necessidades de mercado, agora, e o desenvolvimento incontestado da Ciência da Computação. Deve substituir definitivamente o Curso de Tecnólogo em 1986.

O novo curso constará de 9 semestres, contando - se neste período a realização das disciplinas regulares mais a confecção do trabalho final que permanece como requisito indispensável à titulação.

O objetivo final do Bacharelado pretende ser um profissional que, apesar de atuar num campo bem mais amplo que o anterior, tenha a qualidade de compreender os detalhes inerentes à sua especialização. Pelo menos é o que exige o trabalho com microprocessadores, a nova tendência no campo da Cibernética.

II) CARACTERIZAÇÃO DE INGLÊS INSTRUMENTAL

Uma das disciplinas constantes no currículo do Curso de Tecnólogo em Processamento de Dados e que vai permanecer no novo curso com as mesmas características gerais,

a pedido da Comissão Organizadora do Currículo, é a de Inglês Técnico, de caráter obrigatório para os alunos.

Como indica a sua denominação, no que diz respeito ao ensino de Inglês estamos no campo da língua instrumental, aqui entendido como IFE - inglês para fins específicos, cujos conteúdos são determinados de acordo com as necessidades que o aluno tenha de utilizar a língua inglesa de maneira prática e funcional. A língua é vista como um instrumento para alcançar os fins desejados (Harbich, 1981).

Talvez a principal consequência dessa definição seja de que a organização de um curso de Inglês Instrumental deva estar centrado na pessoa do aluno, levando em conta suas expectativas, necessidades, interesses e potencialidades (idéias e experiências que ele traz para a sala de aula).

Fique claro, no entanto, que Inglês Instrumental, talvez por ser tão facilmente rotulado, não é algo definitivo, estanque, nem procura ditar um método. Ao contrário, a característica intrínseca da disciplina de estar sempre ligado à ocupação profissional do aluno, fonte constante de motivação, oportuniza aos professores que com ela trabalham a procura constante de novos métodos e novas técnicas que otimizem a aprendizagem dos seus alunos.

Por outro lado, muitos poderiam objetar que segundo uma orientação aparentemente tão eclética, o professor de Inglês Instrumental poderia facilmente se confundir, a ponto de, na realidade, nada fazer de efetivo em suas aulas, senão apenas testar novos métodos e novas técnicas, sem oportunizar um ensino sistemático e coerente aos alunos.

Essa objeção é facilmente descartada, se considerarmos que a característica principal do ensino de língua instrumental é atender prioritariamente as necessidades do aluno. E essa é a filosofia de ação básica que o

Setor de Instrumental do Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras da UFRGS vem tentando desenvolver.

Partindo dessas diretrizes, levantamentos e pesquisas foram inicialmente realizadas junto ao aluno da UFRGS, em novembro de 1978, através dos quais se constatou a necessidade básica de o aluno, graduando ou pós-graduando, ler textos acadêmicos em inglês (80%).

Principalmente por esse motivo é que o ensino de língua inglesa Instrumental atualmente está centrado no desenvolvimento da habilidade de leitura, determinando assim um maior interesse do aluno em efetivamente cursar a disciplina e dirimindo o seu grau de frustração, à medida que ele vai aprender e utilizar a língua inglesa num campo de atuação onde ele realmente sente necessidade.

Tomadas essas primeiras posições de caráter eminentemente introdutório e explanatório, tentaremos especificá-lo melhor com um relato simples e objetivo do trabalho que ora estamos realizando na disciplina de Inglês Técnico do Curso em questão. Dentro do curso, ela se estende por 3 trimestres (Inglês I, II, III), com carga horária semanal de 4 horas (48 horas/aula).

Convém dizer ainda que o nosso trabalho também se reveste do caráter de pesquisa, uma vez que fazemos parte do conjunto maior de disciplinas incluídas no projeto de Ensino de Inglês Instrumental em Universidades Brasileiras, cuja coordenadora nacional é a Profª Maria Antonieta Celani, sendo a coordenadora local a Profª Nora Thielen.

III) CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO DO CURSO DE TECNÓLOGO EM PRO - CESSAMENTO DE DADOS

Na tentativa de encontrarmos uma maneira rápida, objetiva e didática para veicularmos a nossa experiência de ensino de Inglês Instrumental para o CPD, optamos pela utilização do modelo do Prof. Tom Hutchinson, da Universidade de Lancaster. Essa escolha se justifica por ser Lancaster

um dos mais importantes centros de pesquisa de IFE hoje em dia, e também pela estruturação do modelo que propõe o perfil do aluno e a conseqüente organização de um curso, através do levantamento da competência, necessidades e expectativas dos alunos como primeiro passo para a produção de material didático a ele encaminhado.

Modelo de Tom Hutchinson

A) Descrição do aluno:

1. Identidade:

aluno de graduação;
idade média, 19 anos;
local de ensino, UFRGS; meio comum de instrução: Português, eventualmente Inglês; melhores colocados no Vestibular.

2. Competência inicial:

2.1 - conhecimentos:

a) lingüístico : ao menos tres anos de ensino de Inglês geral no currículo da escola secundária. Seria um "false beginner" (falso iniciante), se considerarmos a graduação de um teste de nivelamento (Munby);

b) acadêmico: normalmente, ingressando na vida universitária. Entretanto, muitos alunos de Tecnólogo frequentam e/ou frequentaram outros cursos universitários ,em áreas onde passa existir vinculação profissional. Exemplo: Engenharia e Computação, Engenharia e Administração;

2.2 - habilidades: ler e interpretar textos especializados na língua nativa; ao mesmo tempo, dificuldade em transferir habilidade de estudo a um texto semelhante em Inglês.

3. Expectativas:

3.1 - em relação ao Inglês: o domínio do Inglês é visto como uma maneira de se manter atualizado através da leitura de publicações especializadas, bem como preencher uma exigência de leitura no campo da atividade específica.

Ainda hoje, os manuais de Computação são exclusivamente em língua inglesa. O progresso da Informática é tão rápido, que muitas vezes a tradução dos mesmos já chega defasada à clientela. Daí, a necessidade básica de se ler o original.

3.2 - em relação às aulas de língua inglesa: normalmente, as aulas de língua inglesa são vistas como uma maneira de se chegar ao domínio da língua, sobretudo de se obter proficiência na leitura especializada.

3.3 - em relação ao aprendizado da língua inglesa em si: um pouco de descrença nos métodos tradicionais de ensino, em virtude de uma aprendizagem ilusória no grau secundário.

4. Necessidade:

4.1 - imediata: leitura e compreensão de textos especializados (manuais).

4.2 - imediata: proficiência de leitura em língua inglesa como requisito básico ao curso de Pós-graduação em Computação.

5. Interesses:

5.1 - conhecimentos das últimas novidades no campo da informática, através da leitura de textos informativos.

5.2 - eventuais bolsas de estudo no exterior (Japão, Canadá, EUA).

6. Motivação

Alta motivação entre os alunos do Curso de Tecnologia, por ser disciplina obrigatória do currículo; por efetivamente dela precisarem nas suas atividades acadêmicas e profissionais; por terem os alunos, na sua maioria razoável conhecimento da língua inglesa, determinado na prática pela majoritária escolha do Inglês no exame de língua do Vestibular, um dos responsáveis pela alta aprovação em geral. Conseqüentemente, as turmas são relativamente homogê-

neas, o que é uma vantagem para o aluno e para o professor.

Todavia, alguns alunos, sobretudo os mais fracos, freqüentemente mostram-se inseguros e desconfiados, devido a experiências anteriores pouco eficientes na aprendizagem da língua inglesa.

7. Carências:

7.1 - habilidades de língua: reconhecimento da constituição peculiar da estrutura gramatical do Inglês; reconhecimento de funções ao nível do discurso acadêmico escrito (generalização, exemplificações, hipotetização).

7.2 - habilidades de leitura.

7.3 - habilidades de estudo ("study skills").

B) Descrição da situação - alvo

O aluno da disciplina de Inglês Técnico está de fato vivendo a situação-alvo, que é imediata e concomitante ao processo da aprendizagem. Ele desenvolve as habilidades que necessita à medida que é solicitado a utilizá-las no seu próprio curso.

A situação-alvo exige:

a) leitura e compreensão de idéias principais e dos detalhes relevantes para as mesmas, em textos acadêmicos contemporâneos (jornais e revistas especializados, teses, dissertações, relatos, conferências, usualmente não disponíveis em língua portuguesa);

b) manuseio de livros de referência;

c) utilização de livros-texto escritos por falantes nativos. O problema do livro-texto para o ensino de Inglês na área da computação é um problema a mais. Muitos já foram utilizados em 5 anos (a série "Computers", da Longman, Start Computing, de Galante e Pow, 1a. ed.);

Estamos na 4ª tentativa, que até o momento tem-se mostrado a mais eficiente, os livros-texto acabam sendo descartados pelas falhas que quase sempre os acompanham: falta de adequação à realidade do aluno (ou muito difícil, ou ridiculamente fácil), redundância na apresentação dos

exercícios (sempre a mesma ordenação); orientação em desacordo com as reais necessidades dos alunos (p. ex. enfoque na performance oral, desnecessária até a um aluno com essas características).

Atualmente, utiliza-se a série "Reading and Thinking in English", uma publicação da Oxford Press para países do contexto latino-americano. Apresenta uma abordagem funcional dentro do processo comunicativo da aprendizagem.

A melhor solução seria a confecção de material próprio; aos poucos, está-se chegando a esta meta. A falta de textos específicos no livro-texto é suprida por material suplementar adequado. Na verdade, o livro serve para introduzir as estratégias de leitura desejadas, dentro de uma perspectiva comunicativa, que depois serão enfatizadas na abordagem do texto específico. Entretanto, é interessante observar que o aluno ao chegar ao III e último trimestre de Inglês Instrumental, já não está tão preocupado em ter apenas textos da área. Seu interesse é despertado para leitura, de outros campos, com o mesmo grau de aparente dificuldade. A preferência recai sobretudo em textos que propiciem um julgamento crítico do aluno, dimensionando um grau de maturidade que parece ter se desenvolvido ao longo da disciplina.

C) Organização:

A disciplina Inglês Técnico se estende por três trimestres, sendo normalmente realizada em um ano pelo aluno. Possui carga horária equivalente a 4 horas semanais.

Com base nos interesses do aluno e na sua motivação, o tipo do ensino atualmente é voltado para o exercício de leitura (pelo menos 1 hora semanal é dedicada à leitura extensiva), não importando de maneira relevante o conteúdo específico do texto.

Os textos dados aos alunos como fonte de leitura não são meros exemplos de itens de linguagem, mas são tratados principalmente como fontes de informação.

Ao longo do curso, os materiais são selecionados e organizados tendo como propósito muito mais a sua utilização no processo ensino-aprendizagem como evento comunicativo, e o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades do aluno, do que o ensino de um conteúdo gramatical específico ou de um corpus particular de linguagem acadêmica. A esse respeito, ressalva-se a observação pertinente do Prof. John Holmes, outro especialista no ensino da língua instrumental:

"... inglês instrumental não significa linguagem especializada... De fato, para a maioria de nossos alunos, que já estão bem treinados em sua especialidade, vocabulário lhes é o menor problema". (HOLMES, A Dimensão Instrumental no Ensino de Inglês).

No nosso caso, o ensino de vocabulário técnico não é muito enfatizado por ser muito repetitivo e extremamente específico. Os próprios manuais se encarregam de fornecer glossários adequados aos seus usuários. A necessidade maior do aluno não é portanto, adquirir o vocabulário técnico, pois isto vai ocorrer naturalmente com a prática da sua atividade profissional, mas sim entendê-lo, isto é, tentar perceber a estruturação do texto acadêmico em inglês, conscientizando-se de semelhanças com o texto similar em português que possam auxiliá-lo a dirimir suas dificuldades, e procurando dominar pouco a pouco as diferenças que caracterizam intrinsecamente a utilização de uma língua estrangeira, no caso o Inglês.

Quanto ao local de estudo, o aluno do Tecnólogo é estimulado a contar principalmente com o estudo em sala de aula e aproveitá-lo de maneira a mais completa, devido a sua pouca disponibilidade de tempo para atividades extra-classe. O curso se desenvolve pela manhã e à noite, e grande parte dos alunos realizam estágios ou já trabalham em empresas do ramo.

No entanto, essas atividades são sempre solicitadas regularmente, criando-se uma oportunidade a mais aos alunos mais carentes.

D) Habilidades de estudos, leitura e de linguagem

Basicamente, dizem respeito ao referencial teórico da disciplina. As habilidades enfatizadas foram selecionadas a partir da taxonomia de Munby (o autor inglês selecionou 54 habilidades "lingüísticas" que servem para as atividades comunicativas de ler, ouvir, falar, escrever). Como o trabalho ora desenvolvido com os alunos está centrado na leitura, foram escolhidos apenas as referentes à atividade comunicativa de ler.

Alguns exemplos: (a numeração é a do trabalho original de Munby)

19. deduzir o significado e uso de itens lexicais através de:
 - formação de palavras
 - pistas contextuais
32. entender relações entre partes de um texto através de recursos de coesão gramatical:
 - 32.1 - referência
 - 32.2 - comparação
 - 32.3 - substituição
 - 32.6 - conetivos lógicos
34. interpretar o texto, extrapolando-o
 - 34.1 - integrando dados do texto com sua própria experiência, ou conhecimento do mundo.
44. habilidades de referência básica: compreensão e uso de:
 - 44.1 - aparência gráfica, cabeçalhos, títulos, subtítulos, gravuras, etc.
 - 44.2 - referência cruzada.
45. ler rapidamente para olhar
 - 45.1 - a essência do texto
 - 45.2 - a impressão geral do texto
46. explorar o texto para localizar informação específica.
52. transpor informação exata para forma diagramática através de:
 - 52.1 - completar diagramas, tabelas e gráficos;
 - 52.2 - construir diagramas, tabelas e gráficos.

Estratégias 44, 45, 46, 52 são estratégias de aprendizagem úteis para atividades futuras; nem por isso deixam de desenvolver a leitura. Determinam a importância da leitura ativa, o aluno transfere estratégias que utiliza em língua portuguesa para a leitura em língua inglesa (Harbich, 1981).

E) Conteúdo dos textos

São utilizados não apenas textos da área, mas também aqueles que possam interessar ao aluno graduando a ponto de lhe permitir uma crítica sobre o mesmo, a favor ou contra. Os assuntos podem ser relevantes para a especialização e para o contexto de atuação do aluno também como indivíduo. Essa opção pela diversificação dos textos é compartilhada pelo aluno à medida que ele passa a dominar melhor as habilidades de leitura desenvolvidas em aula.

F) Fonte de textos

Publicações acadêmicas, revistas contemporâneas (Time, New Scientist, Newsweek) que tragam textos da área, Enciclopédia Britânica e manuais de Computação.

G) Processo Ensino-Aprendizagem

a) papel do professor

É um incitador: propõe, sugere, movimenta; um mediador: responde, estimula, julga; um elemento de apoio : feedback, segurança, recompensas;

b) papel do aluno

alguém que descobre, deduz, sugere, lança hipóteses

aceita ou rejeita idéias
discute com colegas e professor
controla o seu próprio aprendizado;

c) procedimento em classe
trabalhos individuais
em pares
em grande grupo
seminários;

d) exploração da competência inicial do aluno:
oportunidade é dada sempre ao aluno para revigo
rar o seu conhecimento "adormecido" da língua inglesa, en
corajando-o a transferir suas habilidades de estudo e de
leitura efetiva na língua nativa para a língua pretendida,
no caso o inglês - "transferências positivas".

H) Procedimentos de Avaliação

A avaliação do desenvolvimento do aluno é forma
tiva e somativa. São realizadas três provas por trimestre,
e um exame final para os alunos que não obtiveram concei-
to igual ou superior a B.

Além disso, considera-se a participação e in -
teresse em classe, a freqüência às aulas e a realização
dos trabalhos extra-classe - elementos extremamente im -
portantes na consideração final de desempenho do aluno.

A avaliação do currículo, por sua vez, é feita
concomitantemente com a interação entre professor e alu -
no, e entre os professores do grupo de Inglês Instrumen -
tal da UFRGS.